

# PALATITE CRÔNICA EM EQUÍNOS: ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS E AVALIAÇÃO DE DOIS MÉTODOS DE TRATAMENTO

LUIZ ANTÔNIO FRANCO DA SILVA,<sup>1</sup> MÔNICA RODRIGUES FERREIRA,<sup>2</sup> CINARA FARIA ALMEIDA,<sup>3</sup>  
MARINA PEDROSO DE OLIVEIRA,<sup>3</sup> DUVALDO EURIDES,<sup>4</sup> DIRSON VIEIRA,<sup>1</sup> EDIANE BATISTA DA SILVA,<sup>5</sup>  
OLÍZIO CLAUDINO DA SILVA<sup>1</sup> E BRUNO RODRIGUES TRINDADE<sup>5</sup>

- 
1. Professores do Departamento de Medicina Veterinária da Escola de Veterinária da UFG. E-mail: lafranco@vet.ufg.br. Goiânia, GO.
  2. Mestranda em Medicina Veterinária. Fisiopatologia da Reprodução, no Centro de Ciências Rurais da UFSM, Santa Maria, RS.
  3. Médicas veterinárias autônomas, Goiânia, GO.
  4. Professor do Departamento de Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da UFU – Uberlândia, MG.
  5. Mestrandos em Ciência Animal. Patologia, Clínica e Cirurgia, na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

---

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo descrever alguns aspectos epidemiológicos relacionados à palatite em equínos, comparar a cauterização (Grupo I) e a remoção cirúrgica seguida por cauterização (Grupo II) como métodos de tratamentos e avaliar a viabilidade econômica dos dois protocolos terapêuticos. De 520 equínos examinados, 49 apresentavam palatite. Os principais aspectos epidemiológicos estudados foram: a prevalência, o manejo e a alimentação. A cauterização com ferro candente foi utilizada em 25 animais do grupo I. No grupo II, constituído por 24 equínos, fez-se a ressecção cirúrgica do palato, seguida de cauterização com ferro candente. A cicatrização foi avaliada por meio de escores clínicos, e para estimar os custos do tratamento consideraram-se os materiais de consumo e os

**PALAVRAS-CHAVE:** Equino, palatite, palato.

honorários do cirurgião. Analisaram-se os dados utilizando o teste de Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ), em NS de 5%, e o teste não-paramétrico de Mann & Whitney (SAMPAIO, 1998). A prevalência da palatite foi de 9,42%. Nas raças Crioulo, Árabe e Apaloosa, a prevalência foi de 33,33%, 17,65% e 30%, respectivamente. Não se observou diferença significativa na frequência da enfermidade entre essas raças. A cicatrização nos animais do GI completou-se entre sete e dez dias, e nos equínos do GII entre nove e quatorze dias. Na análise dos escores clínicos de cicatrização observou-se que a partir do quarto dia o GI apresentou melhor escore de cicatrização que o GII. Verificou-se que o valor total do tratamento foi de aproximadamente R\$ 370,00 ou US\$ 142,30.

---

## ABSTRACT

### EQUINE CHRONIC PALATITIS: EPIDEMIOLOGICAL ASPECTS AND EVALUATION OF TWO METHODS OF TREATMENT

This study aimed to describe some of the epidemiological aspects related to equine palatitis. Also, this study intended to compare cauterization (Group I) and surgical removal followed by cauterization (Group II) as methods of treatment, and to evaluate economical viability of both protocols. A total of 520 horses were examined, out of which 49 presented palatitis. The main epidemiological aspects considered were prevalence, management and feeding. Cauterization by incandescent iron was employed on the 25 animals from group I. The 24 animals from group II were submitted to surgical resection of the palate, followed by incandescent iron cauterization. Healing was evaluated through clinical scores. The material used and working hours of the

surgeon were considered to estimate the treatment costs. The chi-square test ( $\chi^2$ ) was employed to analyze the data, having an NS of 5%, and the non-parametric test of Mann & Whitney. The prevalence of palatitis was of 9.42%. On breeds Crioulo, Arabian and Appaloosa the prevalence was of 33.33%, 17.65%, and 30%, respectively. It wasn't observed any statistical difference among those breeds. The healing of the animals from GI was completed from seven to ten days and on those from GII from nine to 14 days. On the clinical score analysis for healing it was observed that from the fourth day GI presented a better score of healing when compared to GII. The total cost of the treatment was of approximately R\$ 370.00, or US\$ 142.30.

On breeds Crioulo, Arabian and Appaloosa the

prevalence was of 33.33%, 17.65%, and 30%, respectively. It wasn't observed any statistical difference among those breeds. The healing of the animals from GI was completed from seven to ten days and on those from GII from nine to 14 days. On the

KEY WORDS: Horse, palate, palatitis.

## INTRODUÇÃO

Alterações na cavidade oral dos eqüinos geralmente desencadeiam distúrbios sistêmicos, por interferirem na nutrição e no bem estar-animal (CLAIR, 1986). Esses distúrbios podem ter origem congênita, neoplásica, infecciosa e inflamatória. Muitas vezes, ocorrem após mudanças comportamentais como disfagia, resultando em caquexia e até mesmo levando o animal a óbito por inanição. Dentre as alterações congênicas, a fenda palatina e o braquignatismo são as mais observadas. As neoplasias são raras e de pouca relevância, e as doenças de origem infecciosa, como as estomatites virais, apresentam baixa ocorrência. Quanto às lesões inflamatórias não-infecciosas, as mais freqüentes são os traumatismos, as fraturas, as lacerações e as palatites (KNOTTENBELT & PASCOE, 1998).

A palatite é caracterizada, clinicamente, por uma tumefação da mucosa do palato duro ultrapassando os limites do nível da margem oclusal dos dentes incisivos superiores. Este sinal é uma resposta fisiológica à erupção dentária em potros e à ingestão de alimentos abrasivos (KNOTTENBELT & PASCOE, 1998). A enfermidade pode ser de caráter agudo ou crônico, e participa, na etiopatogenia, o trauma leve e constante (THOMASSIAN, 1990).

Animais idosos, portadores de vícios como a aerofagia e habitantes de regiões cujos solos são arenosos, apresentam maior predisposição ao desgaste dos incisivos e nivelamento da mesa dentária, podendo ocorrer sintomas semelhantes aos observados na palatite. Como resultado, verifica-se maior exposição da mucosa palatina e, conseqüentemente, dificuldade na apreensão e mastigação dos alimentos (KNOTTENBELT & PASCOE, 1998). Para BAKER (2000), além dos problemas nutricionais, a disfagia pode também contribuir para o aparecimento de enfermidades da cavidade oral dos eqüinos.

clinical score analysis for healing it was observed that from the fourth day GI presented a better score of healing when compared to GII. The total cost of the treatment was of approximately R\$ 370.00, or US\$ 142.30.

A palatite, comumente conhecida por “travagem”, causa prejuízos consideráveis, pois os animais reduzem a ingestão de alimentos e o desempenho de suas funções. A ocorrência dessa lesão é atribuída, principalmente, ao fornecimento de alimentos abrasivos, como arestas de feno, pastos espinhosos e cortantes, grãos de milho inteiros, dentre outros, que lesam de forma gradativa o palato duro, provocando a sua tumefação (THOMASSIAN, 1990; MARCENAC et al., 1990). Além do aumento de volume do palato, decorrente do processo inflamatório crônico, a boca entreaberta, a protusão da língua, mastigação lenta e dolorosa também são sinais clínicos observados (FRASER, 1988).

A inflamação aguda do palato duro geralmente apresenta remissão espontânea em pouco tempo quando o elemento causador é eliminado. Entretanto, em processos crônicos, recomenda-se o tratamento (FRASER, 1988) por meio da ressecção do excesso do palato e/ou cauterização com ferro candente (THOMASSIAN, 1990).

Pesquisas científicas sobre palatite eqüina são escassas e alguns poucos relatos são encontrados em livros textos.

Assim, com este trabalho, objetivou-se, descrever alguns aspectos epidemiológicos relacionados à palatite (travagem) em eqüinos provenientes de criações extensivas, comparar a cauterização e a remoção cirúrgica seguida por cauterização como métodos de tratamento e avaliar a viabilidade econômica dos dois protocolos terapêuticos.

## MATERIAL E MÉTODOS

Foram examinados 520 eqüinos, sendo 407 machos e 113 fêmeas, com idade entre três e 15 anos, de diferentes raças, procedentes de cinquenta criatórios extensivos, cujas pastagens eram constituídas basicamente de *Brachiaria decumbens*, *Andropogon gayanus* e *Brachiaria humidicula*, no

período de 1997 a 2003. A suplementação desses animais na época do ano de clima seco era realizada principalmente com milho em grãos, cana e capim triturados.

Neste estudo foram utilizados 49 animais, cujo diagnóstico de palatite (travagem) fundamentou-se na anamnese e nos sinais clínicos da enfermidade, identificados ao exame da cavidade oral. Consideraram-se como portadores da lesão os eqüinos que apresentavam crescimento de consistência firme do palato duro, ultrapassando a margem oclusal dos dentes incisivos (THOMASSIAN, 1990; KNOTTENBELT & PASCOE, 1998).

Na avaliação dos aspectos epidemiológicos relacionados à enfermidade, constou o cálculo da prevalência e da análise de um questionário contendo informações sobre a raça explorada, manejo, valor comercial, alimentação e resistência para desempenhar os trabalhos desenvolvidos na propriedade, dentre outros (PEREIRA, 1995).

Os eqüinos foram distribuídos, aleatoriamente, em dois grupos de acordo com o tratamento recebido. O grupo I (GI) foi formado por 25 animais, tratados por meio da cauterização com ferro candente, e o grupo II (GII) foi constituído por 24 eqüinos, submetidos, primeiramente, à ressecção cirúrgica do palato, seguida de cauterização com ferro candente.

No pré-operatório aplicaram-se 5.000 UI de soro antitetânico<sup>1</sup> por via subcutânea, e 0,1 mg/kg de romifidina<sup>2</sup> por via intravenosa. A anestesia dos nervos infraorbitários foi praticada empregando-se, bilateralmente, 5ml de lidocaína<sup>3</sup> a 2% (MASSONE, 2003). Independente do tratamento recebido, os animais foram contidos em posição quadrupedal. Utilizou-se um abridor de boca apropriado para a espécie e, quando necessário, fez-se a aplicação de torniquete de corda de náilon fina no lábio superior (EURIDES et al., 1998).

Os eqüinos do GI foram submetidos à cauterização da área comprometida do palato, empregando-se um ferro candente em formato de feijão, com superfície convexa e 3 mm de espessura (Figura 1), desenvolvido para esta finalidade. Nos animais do GII fez-se, primeiramente, a remoção cirúrgica da área lesada do palato duro, utilizando-se bisturi, tesoura e pinça de dissecação com dentes.

Posteriormente, usando a mesma conduta adotada para o GI, procedeu-se à cauterização, com a finalidade de fazer a hemostasia local.

No pós-operatório, todas as feridas foram higienizadas com solução de glicerina iodada<sup>4</sup> a 2%, duas vezes ao dia, por um período de sete dias. Nesse período, recomendou-se não utilizar os animais no trabalho e realizar suplementação alimentar com ração ou milho triturado, conforme recomendação de THOMASSIAN (1990). Todos os eqüinos tratados foram submetidos, periodicamente, a exame clínico da cavidade oral até completar um ano de observação, com a finalidade de identificar recidivas.

A cicatrização clínica foi avaliada por meio de escores com intervalos de cinco dias até completar quinze dias. Consideraram-se: escore 0 = cicatrização completa; 1 = cicatrização de aproximadamente 75% da área lesada; 2 = cicatrização de aproximadamente 50% da área lesada; 3 = cicatrização de aproximadamente 25% da área lesada; 4 = não foi observado qualquer processo de cicatrização. Após a avaliação da recuperação clínica utilizando-se os escores estabelecidos, classificou-se o tratamento como satisfatório ou insatisfatório. Ao final de quinze dias de tratamento, as feridas no palato com escores clínicos inferiores ou iguais a 1 foram consideradas como cicatrizadas e a resposta satisfatória ao tratamento. Paralelamente foi feita uma avaliação subjetiva do escore corporal dos animais, tanto no pré-operatório quanto nas avaliações subseqüentes ao tratamento.

Para estimar os custos do tratamento cirúrgico da enfermidade, levaram-se em consideração os materiais de consumo, como: tranqüilizante, seringas, agulhas, antisséptico, anestésico local, soro antitetânico e os honorários de um médico veterinário autônomo.

Os dados foram analisados de acordo com o teste de Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ), em nível de significância de 5%, para avaliar a diferença na frequência de ocorrência da enfermidade entre idade e sexo, assim como entre as diferentes raças de eqüinos estudadas (CURI, 1997). Para determinação a partir de qual dia o escore clínico de cicatrização diferiu entre os grupos, foi utilizado o teste não-paramétrico de Mann & Whitney (SAMPAIO, 1998).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prevalência da palatite (travagem) foi de 9,42%, sendo que 24,5% (12 animais) apresentavam idade entre três e seis anos, 55,1% (27 animais) entre seis e onze anos e 20,4% (10 animais) entre onze e quinze anos. Para THOMASSIAN (1990) e KNOTTENBELT & PASCOE (1998), a idade do eqüino é considerada um parâmetro relevante para estabelecimento do diagnóstico de palatite e, conseqüentemente, do tratamento cirúrgico. Segundo LAZZERI (s.d., em animais muito jovens ou com idades avançadas, em virtude do desgaste dos dentes incisivos, a projeção do palato pode ser relativa.

Animais de ambos os sexos com idade entre três e seis anos apresentaram maior ocorrência de palatite (11,35%), porém não foi observada diferença significativa ( $P>0,05$ ) entre a freqüência de ocorrência da enfermidade nesta faixa etária, quando comparados com animais de seis a onze anos (9,46%) e entre onze a quinze anos (7,64%), (Tabela 1). A prevalência da enfermidade nas fêmeas que se encontravam na faixa etária entre três e seis anos foi de 7,69%, e nos machos, nessa mesma faixa etária, foi de 12,75%. Já para os animais com idade entre seis e onze anos, a prevalência de palatite em fêmeas foi de 10,71% e em machos de 9,04%. Nos demais, com idade entre onze e quinze anos, os números encontrados para fêmeas foram de 11,11% e para os machos de 7,19%. Não houve diferença significativa ( $P>0,05$ ) entre a freqüência de ocorrência da enfermidade entre machos e fêmeas.

Os animais mestiços apresentaram ocorrência de palatite de 7,82% e os da raça Mangalarga de

10,84% (Tabela 2). Já nos eqüinos da raça Quarto de Milha, a incidência foi de 7,40% e nos animais da raça Campolina de 10,34%. Apesar de os eqüinos das raças Crioulo, Árabe e Apaloosa terem apresentado ocorrência de 33,33%, 17,65% e 30%, respectivamente, não foi encontrada diferença significativa na freqüência de ocorrência da enfermidade entre essas raças. De 50 criatórios visitados constatou-se em 46 (92%) uma despreocupação por parte dos produtores no que se refere à alimentação dos eqüinos. Segundo MARCENAC et al. (1990) e THOMASSIAN (1990) o fornecimento de alimentos abrasivos, como arestas de feno, pastos espinhosos e cortantes, grãos de milho inteiros, lesam de forma gradativa o palato duro, provocando a sua tumefação e predispondo a palatite (travagem). CARVALHO & HADDAD (1987) acrescentaram que os eqüinos que permanecem em pastagens de *Brachiaria decumbens* e *Andropogon* consomem principalmente as hastes destas plantas, que são pobres em proteínas e ricas em fibras. Esses autores consideram que, em virtude da baixa palatabilidade desses gêneros de forragem, os animais normalmente não se alimentam das folhas, dando preferência às sementes, resultando em uma deficiência alimentar e conseqüente emagrecimento, por apresentarem baixos níveis de nutrientes e energia. Em todas as propriedades visitadas, a mistura mineral oferecida aos eqüinos era a mesma dos bovinos. Levando-se em consideração todas essas observações, é possível inferir que a despreocupação com a alimentação dos eqüinos possa ter contribuído em parte para o desencadeamento do problema.

**TABELA 1.** Distribuição segundo o sexo e a idade de eqüinos oriundos de cinquenta criatórios que adotavam manejo extensivo, examinados para diagnóstico de palatite (travagem), e os respectivos números de casos positivos, entre parênteses, no período de 1998 a 2003.

Sexo	Idade						Total	
	3 a 6 anos		6 a 11 anos		11 a 15 anos		AE	AP
	AE	AP	AE	AP	AE	AP		
Machos	102	(13)	166	(15)	139	(10)	407	(38)
Fêmeas	39	(3)	56	(6)	18	(2)	113	(11)
Total	141	16	222	21	157	12	520	49

AE = animais examinados

AP = animais portadores

**TABELA 2.** Distribuição segundo a raça e o sexo de eqüinos oriundos de cinquenta criatórios que adotavam manejo extensivo, examinados para diagnóstico de palatite (travagem), e os respectivos números de casos positivos, entre parênteses, no período de 1998 a 2003.

Raça	Sexo				Total	
	Machos		Fêmeas		AE	AP
	AE	AP	AE	AP		
Mangalarga	69	(7)	14	(2)	83	(9)
Campolina	19	(2)	10	(1)	29	(3)
Quarto de Milha	58	(4)	23	(2)	81	(6)
Mestiço	236	(20)	58	(3)	294	(23)
Criolo	5	(1)	1	(1)	6	(2)
Árabe	12	(2)	5	(1)	17	(3)
Apaloosa	8	(2)	2	(1)	10	(3)
Total	407	38	113	11	520	49

AE = animais examinados

AP = animais portadores

É provável que o baixo escore corporal observado em 32 (65,31%) animais não esteja relacionado apenas à enfermidade, mas também à alimentação recebida, uma vez que em 37 (75,51%) criatórios os eqüinos eram mantidos em pastagem de *Brachiaria decumbens*. Esse achado encontra respaldo nas afirmações de CARVALHO & HADDAD (1987), D'ARCE et al. (1995) e MORAES (1997), os quais relataram que as exigências nutricionais de um eqüino são diferentes das requeridas por um bovino, além de ser necessário suplementar os animais que trabalham nas atividades diárias das propriedades. Para isso, esses autores recomendam o fornecimento de forrageiras adequadas, como *Cynodon dactylon*, *Coast cross* e *Pennisetum clandestinum*, concentrados protéicos, feno de gramíneas, mandioca (20% a 40% da alimentação) e energéticos, como farelo de soja e de milho, na quantidade de 50% a 80% da alimentação, manejo alimentar não adotado na maioria das propriedades visitadas. LEWIS (2000) recomendou que as forragens constituam pelo menos metade do peso total da matéria seca alimentar consumida, ou 1kg de matéria seca/100 kg de peso corporal por dia. Para CARVALHO & HADDAD (1987), as pastagens escolhidas para eqüinos são, geralmente, de porte mais baixo, cobrindo uniformemente a área, e que, ao contrário dos bovinos, esses animais fazem o corte do capim rente ao solo,

graças à existência de incisivos superiores e à alta mobilidade labial. Segundo MORAES (1997), as necessidades nutricionais desses animais variam de acordo com a idade e a intensidade de trabalho. Apesar da preocupação com a dieta dos eqüinos, esses autores não atribuíram o baixo escore corporal dos animais à presença de palatite.

Eqüinos com idade inferior a três e superior a quinze anos não fizeram parte do universo de animais estudados, por causa da possibilidade de ocorrer falsos diagnósticos. Segundo KNOTTENBELT & PASCOE (1998), o desgaste dos incisivos pode estar relacionado à aerofagia ou quando os eqüinos são provenientes de regiões cujos solos são arenosos, pois a abrasão sobre os dentes geralmente é acentuada. Conforme LAZZERI (s.d.), nos eqüinos ocorrem mudanças significativas nos dentes incisivos por ocasião das mudas em animais jovens e em animais velhos em virtude do desgaste natural. Acredita-se que, sob a influência desses fatores, pode ocorrer um falso diagnóstico de palatite. Isso pode levar a uma correção cirúrgica desnecessária, o que justifica, portanto, a idade escolhida dos animais deste estudo.

Apesar de o parâmetro escore corporal ter sido utilizado como uma informação complementar quando associado a outras informações, foi considerado importante, na confirmação do diagnóstico, uma vez que 65,3% dos eqüinos

apresentavam-se magros ou com estado de carnes regular. Para THOMASSIAN (1990) e KNOTTENBELT & PASCOE (1998), esse parâmetro é relevante na confirmação do diagnóstico da enfermidade. Mesmo não subestimando a importância desse parâmetro, neste estudo, para a confirmação do diagnóstico, consideraram-se como sinais clínicos mais importantes a projeção do palato duro, além da linha de oclusão dentária. Não houve necessidade de realizar radiografia ou endoscopia, como recomendado por REHDER et al. (1991) e ALTAMAIER & MORRIS (1993), para confirmação do diagnóstico.

O manejo em posição quadrupedal de 41 (83,6%) eqüinos, sem que apresentassem resistência, foi possível graças à eficiência da tranquilização utilizada e, possivelmente, ao fato de serem animais com temperamento mais dócil. Acrescenta-se que, além da tranquilização e da manutenção dos animais em posição quadrupedal, o uso de torniquete no lábio superior em oito eqüinos (16,33%) proporcionou maior segurança na execução do trabalho e menor risco de provocar traumatismos aos animais durante o tratamento.

A anestesia dos nervos infraorbitários permitiu que a cirurgia fosse realizada sem que os animais demonstrassem reação dolorosa. Esse método anestésico, além de apresentar resultados satisfatórios, está de acordo com as recomendações de THOMASSIAN (1990) e MASSONE (2003). Uma informação adicional é que mesmo não utilizando a anestesia geral, apesar de indicada por JANN & COOK (1985), HAYNES et al. (1990), ORSINI et al. (1991), DUGDALE & GREENWOOD (1993) e AHERN (1996), foi possível realizar o procedimento operatório fora de ambientes hospitalares. Argumenta-se que, em decorrência dos resultados positivos obtidos com esse procedimento, é possível afirmar que o exame clínico e o tratamento da palatite em eqüinos podem ser facilitados pelo uso de um abridor de bocas e do bloqueio anestésico dos nervos infraorbitários, respectivamente.

A cicatrização nos animais do GI, submetidos apenas ao método de cauterização com ferro candente, completou-se entre sete e dez dias. Nos eqüinos do GII, a recuperação clínica ocorreu entre nove e quatorze dias. O maior tempo despendido na

realização do tratamento, a intensa hemorragia durante o transoperatório e o maior tempo de cicatrização observados nos eqüinos do GII demonstraram ser essa uma conduta mais complexa. CLAIR (1986) enfatizou a presença de um rico plexo vascular na porção anterior do palato duro e, possivelmente, a ressecção cirúrgica desta região resultaria em intensa hemorragia, dificultando e até inviabilizando o procedimento cirúrgico. Apesar do sucesso obtido neste estudo com os tratamentos adotados, e de THOMASSIAN (1990) recomendar procedimento terapêutico semelhante para a palatite eqüina. MARCENAC et al. (1990) afirmaram que a cirurgia pode ser inútil e perigosa.

Na análise dos escores clínicos de cicatrização, observou-se que, a partir do quarto dia, pelo teste de Mann & Whitney, houve diferença significativa entre os escores de cicatrização. Nos dias subseqüentes a esse período o grupo submetido à cauterização apresentou, estatisticamente, melhor escore de cicatrização que o grupo submetido à remoção cirúrgica da palatite seguida por termo-cauterização.

A higienização diária da ferida cirúrgica com iodo glicerinado impediu a formação de crostas sobre a lesão e, possivelmente, inibiu a instalação de agentes anaeróbios, conforme orientação de BLOOD et al. (2000), facilitando assim a cicatrização. Procedimento semelhante foi recomendado por FRASER (1988), MARCENAC et al. (1990) e THOMASSIAN (1990).

Pelas informações obtidas por ocasião das visitas subseqüentes realizadas às propriedades, constatou-se que, de uma maneira geral, os eqüinos foram afastados do trabalho diário das propriedades, apenas por uma semana, conforme fora recomendado para o período pós-operatório. O tempo de descanso de oito semanas sugerido por AHERN (1996) não foi adotado neste estudo, uma vez que a palatite, ao contrário de outras anormalidades na região rostral do palato mole, parece apenas dificultar o ato do animal se alimentar.

Independente do tratamento utilizado, houve recuperação do escore corporal após 90 dias em 41 (83,67%) dos eqüinos tratados. A redução no volume do palato, obtida com os tratamentos, e a mudança na alimentação, possivelmente, foram os

fatores que mais contribuíram para a melhoria na ingestão de alimentos e, conseqüentemente, do estado geral dos animais. Em três eqüinos (6,12%) do GI e em cinco (10,2%) do GII o processo recidivou entre oito meses e um ano após o tratamento. Nestes casos, não houve a preocupação dos proprietários em abolir os fatores de risco surgidos por THOMASSIAN (1990).

Levando-se em consideração o material de consumo utilizado na cirurgia, os custos do deslocamento até as propriedades e os honorários de um profissional autônomo, verificou-se que o valor total das intervenções foi de aproximadamente R\$ 370,00 ou US\$ 142,30. Pressupõe-se que, diante desse valor, é fundamental, antes de instituir o tratamento cirúrgico, avaliar o valor zootécnico e estimativo, além da habilidade do animal para prestações de serviços.

### CONCLUSÕES

A ocorrência de palatite (travagem) em eqüinos entre três e quinze anos, criados extensivamente, foi de 9,42%, e a cauterização com ferro candente apresentou menor tempo de cicatrização, quando comparada com a remoção cirúrgica seguida de cauterização no tratamento da enfermidade. Não houve diferença estatística significativa na frequência de ocorrência da palatite em eqüinos nas diferentes idades avaliadas. O custo do procedimento cirúrgico pode inviabilizar o tratamento da palatite em eqüinos, sendo importante levar em consideração o valor zootécnico e estimativo do animal, além da habilidade do eqüino para o serviço. A maioria dos produtores rurais não oferece aos eqüinos uma alimentação adequada à espécie.

### NOTAS

- 1 Soro Antitetânico Vencofarma – Vencofarma do Brasil Ltda., Londrina, PR.
- 2 Sedivet – Boehringer Ingelheim do Brasil Quim. e Farm. Ltda., São Paulo, SP.
- 3 Anestésico “L” Pearson – Pearson Saúde Animal Ltda., Rio de Janeiro, RJ.
- 4 Iodo Glicerinado – Farmogral Ltda., Goiânia, GO.

### REFERÊNCIAS

- AHERN, T. J. Abnormalities of the rostral region of the soft palate: a three case study. **Journal Equine Science**, Tokyo, v. 7, n. 3, p. 55-58. 1996.
- ALTAMAIER, K.; MORRIS, E.A. Dorsal displacement of the soft palate in neonatal foals. **Equine Veterinary Journal**, Suffolk, v. 25, n. 4, p. 329-332, 1993.
- BAKER, J.G. Enfermidade gastrointestinal. In: REED, S.M.; BAYLY, W.M. **Medicina veterinária interna eqüina**. São Paulo: Roca, 2000. p. 519-529.
- BLOOD, D.C.; RADOSTITS, O. M.; GAY, C.C.; HINCHCLIFF, K.W. **Veterinary medicine: a textbook of the diseases of cattle, sheep, pigs, goats and horses**. 9. ed. Nova York: W.B. Saunders Company Ltd., 2000. 1877 p.
- CARVALHO, H.T.L.; HADDAD, C.M. **Pastagem e alimentação de eqüinos**. Piracicaba, SP: FEALQ, 1987. 180 p.
- CLAIR, L.E. Sistema digestivo. In: GETTY, R. **Sisson/Grossman: anatomia dos animais domésticos**. v. 1, 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986. p. 424-465.
- CURI, P.R. **Metodologia e análise de pesquisa em ciências biológicas**. Botucatu, SP: Tipomic, 1997. 263p.
- D'ARCE, R.D. Fisiologia da produção. In: PEIXOTO, A.M.; MOURA, J. C.; FARIA, V. P. **Nutrição de bovinos: conceitos básicos e aplicados**. 5. ed. Piracicaba, SP: FEALQ, 1995. p. 1-13.
- DUGDALE, D. J.; GREENWOOD, R. E. S. Some observations on conservative techniques for treating laryngopalatal dislocation (dorsal displacement of the soft palate) in the horse. **Equine Veterinary Education**, Suffolk, v. 5, n. 4, p. 177-180, 1993.

- EURIDES, D.; SILVA, L.A.F.; FIORAVANTI, M.C.S. **Contenção de eqüídeos**. Campinas: Somus, 1998. 71 p.
- FRASER, C.M. **El manual Merck de veterinária**. 3. ed. Madrid: Centrum, 1988. 1918 p.
- HAYNES, P.F.; BEADLE, R.E.; McCLURE, J.R.; ROBERTS, E.D. Soft palate cysts as a cause of pharyngeal dysfunction in two horses (Case reports). **Equine Veterinary Journal**, Suffolk, v. 22, n. 4, p. 369-371, 1990.
- JANN, H.W.; COOK, W.R. Transendoscopic electrosurgery for epiglottal entrapment in horse. **Journal American Veterinary Medical Association**, Schaumburg, v. 187, n. 5, p. 484-492, 1985.
- KNOTTENBELT, D.C.; PASCOE, R.R. Condições do trato digestivo. In: KNOTTENBELT, D.C.; PASCOE, R.R. **Afecções e distúrbios do cavalo**. São Paulo: Manole, 1998, p. 9-78.
- LAZZERI, L. **A idade dos eqüinos pela arcada dentária**. Contagem: Littera Maciel Ltda., [s.d]. 45 p.
- LEWIS, L.D. Nutrição e alimentos eqüinos. In: LEWIS, L.D. **Nutrição clínica eqüina: alimentação e cuidados**. São Paulo: Roca, 2000. p. 74-111.
- MARCENAC, L.N.; AUBLET, J.; D'AUTHEVILLE. Doenças do aparelho digestivo e seus anexos. In: MARCENAC, L.N.; AUBLET, J.; D'AUTHEVILLE. **Enciclopédia do cavalo**. v. 1, 4. ed. São Paulo: Andrei, 1990. p. 919-928.
- MASSONE. F. Técnicas anestésicas em eqüinos. In: MASSONE. F. **Atlas de anesthesiologia veterinária**. São Paulo: Roca, 2003. p. 146-161.
- MORAES, A. **Manual de eqüinocultura**. Versão preliminar, n. 2, p. 63-70. 1997.
- ORSINI, J.A.; NUNAMAKER, D.M.; JONES, C.J.; ACLAND, H.M. Excision of oral squamous cell carcinoma in a horse. **Veterinary Surgery**, v. 20 n. 4, p. 264-266, 1991.
- PEREIRA, M.G. **Epidemiologia e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 596 p.
- REHDER, R.S.; DUCHARME, N.G.; HACKETT, R.P.; NIELAN, G.J. Simultaneous videoendoscopy and measurement of airway pressures in exercising horses with dorsal displacement of the soft palate. **Scientific Meeting Abstracts**, Boston, v. 20, n. 5, p. 344, 1991.
- SAMPAIO, I. B. M. **Estatística aplicada à experimentação animal**. Belo Horizonte: Fundação de Ensino e Pesquisa em Medicina Veterinária e Zootecnia, 1998. 221 p.
- THOMASSIAN, A. Afecções do aparelho digestivo. In: THOMASSIAN, A. **Enfermidade dos cavalos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Varela, 1990. p. 281-443.